

Eugénio Lisboa

JOSÉ RÉGIO 45 ANOS DEPOIS



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

JOSÈ RÉGIO 45 ANOS DEPOIS

AUTOR

EUGÉNIO LISBOA

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

ANTÓNIO SANTOS TEIXEIRA
SUSANA PATRÍCIO MARQUES

ISBN

978-972-623-261-2

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2015

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

JOSÉ RÉGIO 45 ANOS DEPOIS

Eugénio Lisboa

Falecido, fez há escassas semanas 45 anos, poucos grandes escritores portugueses terão legado à posteridade uma herança tão poliédrica, tão diversa, tão rica, tão contraditoriamente provocante ou desafiante, como o autor desse poderoso romance que se intitula *Jogo da Cabra Cega*. De não muito lhe tem valido tal riqueza, numa república das letras onde impera, como nunca, a leviandade, o atrevimento provinciano, a glo-glória gulosamente abocanhada ao sair do ovo, as obras completas e encadernadas aos quarenta e pouco e uma máquina publicitária bem montada e bem oleada, que impõe reputações como quem promove automóveis topo de gama. Quando penso em certas glórias hoje trombeteadas, promovidas, televisionadas e multiplamente apaparicadas, ocorre-me a asserção do inestimável Daniel Boorstin: “Alguns nascem grandes, alguns ascendem à grandeza e ainda alguns contratam oficiais de relações públicas.” Estas, as relações públicas, substituem, com assinalada vantagem, os clássicos aferidores de mérito. A glória tornou-se um “produto” do mercado: inventa-se, promove-se, vende-se e compra-se. Nisso tudo, o mérito é o menos relevante. Tornar alguém famoso e vendável, da noite para o dia, é uma profissão nova e rendosa.

Nascido, mal acabara de acabar o século XIX, José Maria dos Reis Pereira, que se celebraria literariamente com o nome de José Régio, entrou ambiguamente num século XX que, a um tempo, perscrutou, assimilou e questionou. Pouco dado a modas e a “ismos”, embora empurrado a contragosto, por alguns, para o modernismo, José Régio iria, desde muito cedo, tornar-se dono de si mesmo, asperamente e insubornavelmente independente, visitando as artes modernas e os seus vários “ismos”, mas não se deixando nunca inserir, redutoramente, em escolas, movimentos ou “lobbies”, fossem estes de que cariz fossem. Aliás, nenhum verdadeiro criador cabe nunca, inteiro, numa escola ou movimento, isto é, jamais se deixa reduzir às coordenadas limitadoras de um qualquer “ismo”: nem Flaubert cabe, completo, no realismo, nem Stendhal no romantismo, nem Pessoa no Orpheu(ismo). Ao agredir-se os da *presença*, tem-se tentado confiná-los num alegado “psicologismo”, no qual abundantemente se cospe. Ora, em primeiro lugar, se a psicologia assenta bem em Proust, não se vê por que assentará mal em Régio ou Branquinho ou Simões. Em segundo lugar, reduzir a criação presenciata ao reino do psicológico é pura e simplesmente tresler ou não ler os textos em apreço. Na obra de Régio, há psicologia, sociologia, política, misticismo, mitologia, observação minuciosa da realidade exterior (incluindo a caricatura e a sátira), compaixão com a miséria humana, filosofia da arte e por aí fora. Nem só de psicologia viveu a *presença*, como nem só de realismo ou de naturalismo vivem as obras de Flaubert ou Zola. Pessoa não teve que ver apenas com o *Orpheu* e Almada excedeu folgadoamente as zaragatas anti-Dantas (aliás bem piores do que o Dantas) e outras do mesmo gosto. Todo o grande criador transcende sempre a pífia medalha em que gostam

de o fixar. O problema de Régio e de outros grandes escritores portugueses não é um problema dele – é um problema nosso, de nós, seus herdeiros. A maioria das pessoas – mesmo os críticos e os emissores de opinião – não lêem de um modo geral os textos sobre que se pronunciam: lêem, de preferência, o que outros disseram deles. E estes, por sua vez, fizeram exactamente o mesmo, numa eterna leitura em segunda, terceira ou quarta mão. De modo que os mal-entendidos se perpetuam ao sabor do tempo. Dizia Rilke que “a fama é o agregado de todos os mal-entendidos que se coligem à volta de um nome.” Neste gosto de simplificar, para uso rápido e mais ou menos mundano, Régio é “psicólogo”, Torga é “telúrico”, Aquilino é “palavroso” e Pessoa “heteronímico”. Simplesmente, cada um deles é muito mais e mais complicadamente do que aquilo a que o querem reduzir. O nosso problema com qualquer destes figurões é termos que os ler, se os quisermos conhecer. Como têm, por outro lado, uma obra vasta, rica e contraditória, lê-los em diagonal ou de ouvido não dá. É mesmo preciso lê-los, no seu todo, com atenção e minúcia. Mas, neste mundo de informação aos baldes, navega-se, de preferência, à superfície das obras e a grande velocidade, o que não é bem o mesmo que frequentá-las a sério. Resumindo muito e com alguma crueldade, Régio não se serve em pastilhas para consumo fácil e distraído. E nem sequer é ele o único esquecido e mal lido. Quem lê, hoje, o que se chama ler, Teixeira-Gomes, Sá-Carneiro, Teixeira de Pascoaes, Raul brandão, Afonso Duarte, Marmelo e Silva, Domingos Monteiro, João de Araújo Correia, Maria Judite de Carvalho, Irene Lisboa, José Rodrigues Miguéis e por aí fora? Os nossos jovens génios pensam que a literatura portuguesa começou no mês passado, com o aparecimento surpreendente de um romance de um amigo talentoso e só um nadinha analfabeto ou com um livrinho de poemas muito infractores de uma amiga com imenso ímpeto e só um bocadinho inculta, tudo gente que um prémio qualquer apaparicou e catapultou para a glo-glória. Ora, uma ideia luminosa, em matemática ou em física, pode ter-se aos vinte e poucos anos, mas a cultura leva muitas décadas a adquirir. O que falta nas avaliações irresponsáveis e hiperbólicas - e quase sempre amnésicas – que por aí pululam é uma sólida base cultural (com alguma saudável formação filosófica, pelo meio) que, por isso mesmo que não existe, catapulta para a ribalta mediocridades e inépcias que só a ignorância pode apadrinhar.

José Régio, uma das grandes figuras da cultura portuguesa, não só do século XX, mas de toda a nossa história literária, é hoje quase totalmente ignorado por uma geração à qual o “surfing” leviano pelas informações sem dono, na Internet, tornou inapta para as sondagens em profundidade, a que a obra do autor de *Histórias de Mulheres* naturalmente convida.

Grande poeta, grande ficcionista, grande dramaturgo, grande ensaísta e crítico literário, o autor paciente e obstinado de *A Velha Casa*, de *Benilde ou A Virgem-Mãe*, de *Mas Deus É Grande* e de tantas páginas seminais consagradas a Camões, Camilo, Sá-Carneiro, Florbela, Pascoaes, Raul brandão, António Botto, Fernando pessoa, Eça, António Sérgio, Aquilino e tantos outros, configura uma riqueza de sondagens, de

ideias, de emoções plasmadas numa linguagem de uma clareza perturbante e perturbada por sombras abissais, que só uma superficialidade militante pode desdenhar. Mas a desatenção, o falar inconsequente, a vaidade provinciana de se exibir o último produto da feira cultural “lá de fora”, o contentismo primário com a glo-glória misteriosamente surgida e promovida pelo departamento de imagem em vigor – tudo isto foi ampla e certamente castigado pelo autor de *Jacob e o Anjo*. Também por isso tem pago um preço alentado.

Régio deixa-nos um legado de muitas componentes, uma das quais, talvez a mais valiosa, é também a mais incómoda: foi-o para ele e sê-lo-á, por certo, para quem a receber como testemunho e ideário – refiro-me ao seu inegociável espírito de independência: ao seu ser capaz de dizer “não” quando isso foi o que sentiu ter que dizer, mesmo quando lhe não conviesse dizê-lo. Régio, por outras palavras, nunca lisonjeou os “lobbies” de serviço, em cada momento da sua trajectória: nem os neo-realistas – de quem até nem desgostava – no tempo em que estes dominavam o mercado cultural, nem os surrealistas, nem os dos Cadernos de Poesia, nem os concretistas, nem os católicos, nem os ateus, nem os jovens que o adulavam e a quem ele sempre recusou adular, nem nenhum dos diversos “ismos” que invariavelmente apareciam armados da convicção de terem finalmente encontrado a “pedra filosofal”. Dotado de uma “razão” forte, que, aliás, não pouco o incomodava, Régio acantonava-se num cepticismo desconfiado, sabendo muito bem o que duram, em termos de “solução definitiva”, todos esses fulgores, raios e disparos, frequentemente pouco apoiados num sério reflectir.

Aparecendo, de início, como poeta, com os celebrados *Poemas de Deus e do Diabo*, Régio aos poucos se foi inculcando *como poeta*, e, aos olhos de alguns ou de quase todos, exclusivamente como poeta. Foi, para grande verrina sua, como se o ficcionista, o dramaturgo, o ensaísta não passassem de caprichos tardios, artificiais, originando-se numa teimosia mal vocacionada e mal aconselhada. Nada menos verdadeiro: o teatro, bem como a ficção e o desejo de compreender, criticando, foram-lhe gostosamente contemporâneos dos primeiros voos de poeta. Se bem se lerem os seus textos, com aquele mínimo de empatia que toda a verdadeira leitura pressupõe, cedo se verificará, em cada género literário por ele cultivado, uma densa e ardente contaminação pelos outros géneros que também cultivou: na sua poesia há, de modo muito claro – e com grande força – drama, ficção e até, indisfarçadamente, uma sugestão indiscreta de discurso ensaístico: nada a que a que a grande poesia de todos os tempos tenha sido alheia; no seu discurso ficcional, há, muitas vezes, páginas de grande drama, magistralmente encenado, juntamente com intermináveis discussões (de Café), em que os actores da história dissertam, alargadamente, sobre os grandes temas da literatura, da arte e da vida. E há, também, na ficção, inesquecíveis páginas de poesia em prosa, que muito bem convivem com aquelas em que antes predomina um ímpeto de narrativa de aventura ou um perscrutar agudíssimo de abismos da alma humana, ou um repousado e irónico observar das contradições exteriores do comportamento humano das almas simples e das menos simples. E, por fim, nas suas magistrais páginas de análise e avaliação crítica de mestres nacionais e estrangeiros, não deixam de estar presentes o

equipamento do ficcionista experimentado nem o golpe de asa do poeta. Tudo, em suma, intersecta tudo: o poeta não é só poeta, o ficcionista não é só ficcionista, o dramaturgo não é apenas dramaturgo e o ensaísta em muito transcende um ensaísmo meramente erudito e dissecado. Em qualquer página de qualquer género, pulula, viva e fremente, uma aliança singularmente desperta de uma inteligência excepcional com uma sensibilidade invulgar. Tivemos já ocasião de observar que ao “O que em mim sente está pensando”, de Pessoa, Régio contrapõe, com orgulho, “O que em mim pensa está sentindo”, isto é, o primado da sensibilidade sobre a inteligência, que, desamparada por aquela, lhe parece vulnerável. E, em todas as suas páginas – sempre! – uma grande densidade de conteúdo, isto é, um total desprezo pelo palavreado oco e esvaziado de sangue vital. O poeta alemão Goethe falava com escárnio de certos escritores, a propósito dos quais dizia que, quando lhes faltava uma ideia, podiam sempre substituí-la por uma palavra. É precisamente nisto que dão, quase sempre, os fundamentalistas da endeusada “escrita”, que não passam de formalistas dissecados, sem vida dentro. Foi disto que injusta e enviesadamente os neo-realistas acusaram os da *presença*, quando esta, afinal, desde o primeiro editorial da revista, em 1927, voltou as costas à chamada “literatura livresca”, aquela literatura que se originava sobretudo, segundo as ácidas palavras de Régio, num pouco inventivo e ardido “treino de escrever”.

De resto, o acervo de críticas que, ao longo dos tempos, se foi dirigindo aos da *presença*, sobretudo a Régio, constitui um dos mais sumptuosos amontoados de “clichés” que regista a nossa história literária. “Clichés” originados, inclusivamente, nos lugares mais sagrados e aureolados da nossa república das letras (universidades incluídas). É essa uma das tragédias da crítica literária: deixar-se enredar, por fatalidade e preguiça, nas teias insidiosas do “cliché”. “Eu sempre presumi”, observava Philip Guedala, advogado, escritor e homem de espírito inglês, “que o cliché era um subúrbio em Paris, até ter descoberto que era uma rua em Oxford.” Quereria com isto significar, de modo irónico e enviesado, que nem os mais abençoados púlpitos se furtam, ocasionalmente, à emissão de um ou outro bem boleado “cliché”. As histórias da literatura, mesmo as mais festejadas, acolhem e disseminam o “cliché”. O autor famoso, particularmente o autor famoso, atrai o “cliché”. Porque é famoso, convém citá-lo; para citá-lo, haveria que lê-lo; não havendo tempo para lê-lo, recorre-se ao “cliché” em vigor. “A fama simplifica”, observava Clive James. Que é como quem diz: deforma, deturpa, falsifica, mente. Os disparates correntes, que circulam acerca de Pessoa, de Régio, de Eça – dariam um formoso dicionário de dislates em vigor. Escrevi, no passado, com algum acinte bem meditado, páginas repetidas consagradas a demolir os clichés que circulam, no mercado literário, acerca da obra de Régio e dos da *presença*. Fui claro e apoiei-me, lisinhamente, em textos, isto é, em documentos, que servem, precisamente, como *prova*. De pouco valeu: os “clichés” continuaram em vigor, porque dá trabalho e é cansativo ir ler a montanha de livros que deixou o autor de *A Chaga do Lado*, como dá trabalho e é cansativo ler a montanha de textos que lhe têm dedicado os que, a sério, o estudaram. Ir ao manual, ao resumo, ao compêndio ou à Internet – é mais expedito e serve perfeitamente para o efeito.

Régio – não há que fugir a isto – irritou muito, irritou muita gente e irritou-a durante quase toda a sua vida de activo criador. Nada induz tanta críspação, num meio maioritariamente dogmático e leviano, como um homem que pensa por si, com uma autonomia tão omnipresente como antipática: não ir com os outros não é receita para a recolha de votos. Todo o indivíduo que insiste em pensar pela sua cabeça causa sempre um enorme desassossego na sua circunstância. O “não ir por aí” do “Cântico Negro” era mesmo um programa de vida. Para os palradores que enchem os areópagos literários, terem que se defrontar com um escritor que se obstinava em “ver tudo mais por dentro do que vira”, como diz num poema de *Mas Deus É Grande* – era dificilmente digerível. Era preciso diminuí-lo, travá-lo, tentar suborná-lo e, não dando resultado, abatê-lo, cercando-o de silêncio. Quando não havia razões fundamentadas, inventavam-se falsos argumentos, que rapidamente devinham “clichés”. Os neo-realistas tiraram da cartola o “formalismo” – o esteticismo exagerado – e o umbilicalismo. Também o exagero da sondagem dos labirintos psicológicos lhes serviu. Aos líricos depurados, que vieram depois, a alegada retórica junqueira dos versos de Régio foi alvo preferido. A poesia queria-se rarefeita, depurada, depenada mesmo. Régio era abundante, decibélico, gesticulante – estava, visto isso, fora dos cânones decretados pelos directores da moda em vigor. Sobre tudo isto permita-se-me transcrever uma passagem de um livro que não há muitos anos dediquei ao autor de *A Velha Casa* (e faço-o para fugir àquilo a que chamo as paráfrases dissimuladas). Dizia eu então: “Uma das mais repetidas e insistentes reservas que se tem feito sobretudo à poesia de Régio, mas também a algum do seu teatro, tem que ver com o mal entendido conceito de «retórica». Confunde-se, em geral, retórica com eloquência exagerada, com discursividade excessiva e excessivamente declamatória. Por outro lado, a partir de certa altura, inaugurou-se o culto exclusivo do «despojado», da palavra rara e avara, como se toda a poesia devesse confinar-se a esse particular protocolo. Há todo um concebível estudo inteligente e até estimulante daquilo a que se poderia chamar a retórica do silêncio, na qual caberiam eminentes poetas e prosadores do presente e do passado (...) do mesmo modo que pode idealizar-se o estudo de uma retórica da poesia mais discursiva ou declamatória ou caudalosa, na qual iriam inserir-se poetas igualmente eminentes do presente e do passado. Pretender confinar toda a poesia válida, de hoje, num só desses protocolos releva de espíritos de um fundamentalismo estreito. Pelo que diz respeito ao dogma exclusivista da poesia rarefeita, já tivemos ocasião de citar um texto saboroso de Lêdo Ivo, que não resisto a oferecer-vos, aqui e hoje. Reza assim: «Na década de 40, havia uma palavra tão habitual na boca dos críticos como a própria saliva: despojamento. Os jovens poetas eram intimados a despojar-se. A cidade das letras ameaçava não abrir as suas portas aos que ousassem entoar algum cântico considerado excessivo. Quantos pavões, então, não se curvaram a essa imposição do terror literário, autodepenando-se e mudando-se em galinhas grotescas! Quantas fontes não se transformaram em torneiras homeopáticas!» Num artigo dedicado a “Junqueiro e a Retórica”, o autor de *Fado* faz uma eloquente defesa da retórica bem entendida, de «algum» Junqueiro e...de si próprio: «Quando, a propósito de Junqueiro, se fala em retórica», nota Régio, «é sempre no significado depreciativo atribuído ao termo. Ora bem. Aqui principia a nossa

questão. Nenhum significado depreciativo implica em si o termo *retórica*. Retóricos são todos os literatos, pois é da sua arte sê-lo. Grandes retóricos são todos os poetas: Camões ou Bocage, por exemplo, Teixeira de Pascoaes ou Fernando Pessoa. O que sucede é variarem muito as suas formas de retórica. E, ao passo que em certos poetas assume a a retórica uma tonalidade oratória ou declamatória, noutros se manifesta sob formas antes gongorizantes. Num mesmo poeta – como, por exemplo, Fernando Pessoa», observa Régio, com alguma perfídia irresponsável, «se nos evidenciam, por vezes, as duas principais modalidades retóricas: pois a retórica das *Odes* de Ricardo Reis é gongorizante e a das *Odes* de Álvaro de Campos declamatória.» Régio percebe bem o que se pretende diminuir em certos poetas, ao dizer-se deles que são «retóricos»: fazer-se uma denúncia daquilo que ele próprio define como «uma deficiência de conteúdo em relação à forma: ou uma amplificação da forma não adequada a uma relativa mediocridade do conteúdo.» Voltando aos conceitos de retórica acima assinalados, Régio observa ainda: “Se, como vimos, pode a retórica ser predominantemente gongorizante ou predominantemente oratória, no geral se esquece aquela primeira modalidade. Tanto assim que, por certo, muito surpreendidos, ou até indignados, ficarão vários admiradores de Fernando Pessoa, - em se lhes declarando que são retóricas (duma retórica gongorizante) as *Odes* de Ricardo Reis e muitas poesias do Fernando Pessoa assinado ele mesmo. Será, então, numa retórica predominantemente oratória que se pensa, quando, por exemplo, num significado depreciativo, se aplica o termo a grande parte da poesia de Junqueiro. Ao mesmo tempo se atribui em tal caso os sentidos concomitantes de grandiloquência e ênfase mais ou menos vãs, prolixidade inútil, inclinação formalista exercendo-se como no vácuo por gosto de si própria.» Régio «salva», assim, tanto a retórica gongorizante de um Ricardo Reis, como a declamatória de Álvaro de Campos ou do melhor Junqueiro. Não é o declamatório, *em si*, que se deve denunciar, mas tão só o declamatório vazio de conteúdo ou carecendo de conteúdo suficiente em relação aos exageros da forma. Mesmo nos seus momentos mais exteriormente dramáticos ou gesticulantes, seria injusto ou simplesmente pouco crítico falar, em Régio, como no Junqueiro das mais excelsas passagens, em «deficiência de conteúdo em relação à forma». Mas não é suficiente ficarmo-nos por aqui. Régio, efectivamente, evoluiu com os anos, de uma riqueza declamatória e sonora, para uma expressão mais sóbria, mais contensa, mais «banal», mais clássica. Correspondeu isto a um *querer* profundo, aliado a um gosto de raiz, ligado, porventura, a um ascetismo de natureza mística – pendor que lhe afectou a poesia, o teatro e a ficção. Numa carta de 1948, dirigida a Álvaro Salema, di-lo com grande clareza: «Acerca d’*As Raízes do Futuro*, como de grande parte das *Histórias de Mulheres* ou de *Benilde*, ou de *Mas Deus É Grande*, - quereria fazer-lhe, permita-me que lhe faça, esta observação que submeto ao seu critério: creio que a minha arte (sofra-me esta expressão pedante) evolucionou num sentido de maior simplicidade. Creio que não são obras, as citadas, do mesmo estilo ou maneira do *Jogo da Cabra Cega*, d’*O Príncipe com Orelhas de Burro*, do *Jacob e o Anjo* ou d’*As Encruzilhadas de Deus*. Por um imperativo espontâneo e profundo, procuro, hoje, sobretudo a densidade na simplicidade (porventura, até, às vezes, na banalidade aparente) e a verdade humana ou poética na observação subtil ou

na fantasia contensa. Em suma, procuro não abusar de certos efeitos ou dons que já sei não me serem muito difíceis. Suponho que estará isto relacionado com quaisquer minhas tendências ascéticas ou místicas. É assim que, por exemplo, não julgo que haja menos riqueza ou profundidade na *Benilde* do que no *Jacob e o Anjo*, embora sinta que *Jacob e o Anjo* é a peça mais empolgante, mais livre ou fecunda em certo sentido, e mais imponente, como não julgo que haja menos verdade humana n’*O Vestido Cor de Fogo* ou na *Pequena Comédia (Histórias de Mulheres)* do que n’*O Príncipe*.»”

Além dos delitos de excesso de psicologia e de abuso de retórica, outra das setas particularmente embebidas em veneno, que os neo-realistas gostaram de desfechar contra os da *presença* e contra Régio, em particular, consistiu em acusá-los de um exagero fundamentalista no cultivo de um esteticismo ou formalismo exorbitantemente exigente.. Nada mais falso, diria mesmo: nada mais diametralmente oposto à realidade dos factos. Que os presencistas – como quaisquer artistas sérios de qualquer tempo – visavam e recomendavam um equilíbrio saudável entre os prestígios da forma e a densidade do conteúdo – é um facto. O que só os prestigia. Mas nunca, em tempo algum, se detecta neles uma intolerância esteticista, repito: muito pelo contrário. “De resto,” observámos já algures, “ao longo da sua vida, Régio deu múltiplas provas da sua *ausência de intolerância* em relação a obras mais imperfeitas ou desarrumadas ou desorganizadas. Numa carta a João Gaspar Simões, escrita logo em 1927, o ano inaugural da revista coimbrã, referindo a leitura que andava a fazer de Dostoiewsky, comentava:: «*O Idiota* parece-me dos livros mais *bárbaros*, menos construídos, do Autor, mas talvez um pouco *por isso mesmo* dos mais completos, complexos e originais. Todo ele está cheio de alma e até da vida de Dostoiewsky...» Outro escritor pelo qual Régio se mostrou sempre atraído, apesar de lhe reconhecer objectivamente defeitos graves de forma e de desarrumação estética, foi Raul Brandão. Sobre isto, tivemos, não há muito, ocasião de observar: «Régio vê em Brandão um grande escritor desarrumado, genial mas desarrumado, iluminado mas desajeitado, fulgurante porém ingénuo, cândido mas sobrevoando abismos – alguém que ele gosta de imaginar pertencendo à grande família em que mais ou menos se inserem Dostoiewsky, Shakespeare, Camilo, Emily Brontë, Balzac [...] Régio, cuidadoso agenciador e organizador dos seus materiais ficcionais, poéticos e dramáticos, mostrou sempre tolerância e até simpatia para com estes grandes desarrumados ou, se preferirdes, para com estes grandes cultores de uma estética da negligência: a Camilo, a Brandão, a Dostoiewsky perdoava de bom grado os descuidos desde que neles visse condição *sine qua non* de se manifestar o fulgor.» Pergunto, então: esteticismo e formalismo à outrance? Num texto publicado dezasseis anos depois de a *presença* ter acabado, isto é, em 1956, intitulado «Ainda sobre o esteticismo humanista da *Presença*» e inserido no suplemento «Cultura e Arte» de *O Comércio do Porto*, Régio punha com firmeza os pontos nos ii: «Nada», dizia ele, «[nada] foi tão atacado pela *Presença* como, precisamente, a arte vazia, o formalismo superficialíssimo, a Torre de Marfim sem alicerces na terra, a abstracção de vida.» Não, Régio não era intolerante nem fanático da estética e da forma. Mas o que insistentemente pregou aos neo-realistas e a outros foi que se não poderia fazer literatura séria, desprezando-se, ao mesmo tempo, o requisito

fundamental de uma *arte de escrever*. «A verdade», notava ele no eloquente posfácio ou prefácio que [juntou às diferentes edições de *Poemas de Deus e do Diabo*], « [a verdade] é terem poucos escritores contemporâneos uma séria noção da arte de escrever (Glória aos que a tenham!) Dir-se-ia que para a maioria dos nossos escritores actuais – até laureados – deixou de ser tal uma arte exigente e viva: um jogo em que arrisca o artista a arte imortalidade da sua alma, tentando uma pessoal expressão da condição humana. Chegou-se ao extremo de louvar um escritor precisamente pela sua mediocridade de linguagem, ausência de originalidade, chateza de estilo!» Poder-se-á ser mais medianamente claro? Haverá em tudo isto algo que autorize a lenda de formalismo e esteticismo à outrance, a lenda de uma Torre de Marfim remota e inacessível? Assim se fazem as lendas, que, não se sabe bem como, se vão perpetuando e achando maneira de ganhar vida durável entre as capas de manuais e histórias de literatura. Apesar de o autor dos versos ardentes da «Sarça Ardente» ter chegado ao ponto de um dia afirmar: «pois devo repetir que nunca me interessou tanto a crítica *meramente estética* das criações literárias (reconhecendo, embora, o seu interesse e a sua necessidade) como o estudo psicológico das personalidades através das obras: o que aliás conduz ao estudo da *personalidade* das mesmas obras.»»

[Por fim, e para não alongar demasiado esta conversa convosco, gostaria de elaborar um pouco, como já várias vezes tenho feito, sobre uma acusação persistente feita – e não só por neo-realistas – ao carácter poderosamente confessional da obra de Régio (como se, mais directamente ou mais enviesadamente ou mascaradamente, o não fossem as obras de todos os grandes criadores de arte!). “Acusam-no”, disse-o já algures, “ [acusam-no], frequentemente, (...) de se *fechar em si-mesmo*, de narcisismo patológico, de umbilicalismo [Álvaro Cunhal] ... Ora a verdade, dirá Régio, é diferente e mais complicada. Sondar-se, estudar-se, avaliar-se, quiçá julgar-se era-lhe um fado original, algo a que não saberia fugir. E a prova de fogo desta sinceridade profunda, desta sua inescapável vocação é a fadiga que o seu exercício contínuo lhe causa. Como o Tonio Kroger, da novela famosa de Thomas Mann, que, por cansaço idêntico, só anseia pelo convívio dos simples, para fugir aos demónios (e ao seu demónio), como ele chama aos seus colegas artistas, também Régio desabafará, no referido prefácio, em palavras que constituem um dos mais autênticos e pungentes documentos de um escritor que anseia, antes de tudo, por fugir de si e dos seus abismos para atingir os *lá de fora*: «Sim, amigos: Por um lado, várias vezes me cansou (mais do que se possa crer) tal frequência de mim mesmo. Várias vezes me enfastiou nos meus livros precisamente o que tinham de mais pessoal, de mais *meu*, quiçá de mais valioso: a ponto de os então aborrecer no em que eram diferentes ou originais, e me propor seguir tão de perto quanto possível este ou aquele Modelo. Das minhas mais pessoais produções chegava a pensar: «Pois isto não é esquisito?!... não é desgostante?!... não irá enfadar toda a gente?... Não estou eu próprio *farto disto?*»»

«Suponho que deste fastio de mim falam alguns dos meus versos. Não suponho, sei. Os que tiveram a caridade de arguir as minhas megalomanias mais ou menos

juvenis – deveriam ter a de igualmente notar aqueles outros versos, não menos incisivos, em que rebaixo a minha particularidade individual. A mesma famigerada quadra em que falo, n’*As Encruzilhadas de Deus*, de *concentrar os olhos sobre o umbigo* – e da qual foi aproveitada a expressão para denúncia do *umbilicalismo* – é irónica e dolorosa. Será preciso grande boa vontade para o ver? Creio, todavia, não ter sido ainda visto senão por poucos o papel da ironia e do humorismo na minha literatura. Também os que aludem ao meu misticismo deveriam saber duas coisas fundamentais: Que, por um lado, nunca o místico pode dispensar a sua experiência pessoal; e por outro, ele próprio se reduz a nada, se humilha ao máximo, ante os Supremos Valores do Sagrado. A tudo isto se prenderá porventura, o gosto com que depois mergulhei no estudo dos caracteres em que menos colaborava a minha personalidade particular: as mulheres das *Histórias de Mulheres*; o senhor Bento Adalberto de *Uma Gota de Sangue*; a madrinha Libânia e a Piedade de *As Raízes do Futuro*; o Joaquim Cancela de *Os Avisos do Destino e As Monstruosidades Vulgares*; etc., etc. Também, de modo geral, muitas vezes me tem cansado a minha quase contínua indagação do íntimo. [...] De aí essa impressão de alívio com que a espaços me refugio na mera observação das pequenas realidades externas, cedendo a tendências realísticas também minhas; ou comprazimento na meditação – ousarei dizer na realização? – de uma simplicidade de vida correctiva da pesada complexidade interior.»

“Régio defende ainda a qualidade da sua confissão, face às acusações de narcisismo dos seus detractores, em dois tabuleiros. Primeiro, ao confessar-se, o autor de *Biografia* propõe-se seguir o modelo do seu personagem (o Príncipe Leonel do romance *O Príncipe com Orelhas de Burro*) que diz ao seu povo, falando-lhes na «praça pública»: «vou-vos fazer uma confissão e dar um exemplo». Tirando o turbante, diante da multidão atónita, o príncipe quer revelar a sua monstruosidade até aí escondida – as orelhas de burro - , mostrando-se, por fim, nu e verdadeiro – assim inaugura um reino de transparência nas suas relações com o seu povo. Régio insinua, pois, que na sua confissão não há complacência narcísica mas um desejo de transparência e verdade. Dar-se com sinceridade é um cumprimento que nos faz – porque nos julga dignos da sua confissão, destinatários e referências que merecem a dolorosa verdade que nos oferece. Em segundo lugar, como no posfácio, já aqui abundantemente citado [aos *Poemas de Deus e do Diabo*], «mesmo tentando exprimir os sentimentos ou instintos mais pessoais, tendia a tratá-los *não como meus próprios, mas de qualquer homem*. Assim, perante mim mesmo assumia não tanto uma posição de Narciso encantado ou horrorizado (e apesar de também ser esta, às vezes, real em mim) como a posição digamos científica, objectiva, superior, do psicólogo ou do filósofo.» A este mesmo respeito, observou o dramaturgo romeno Ionesco: «Réussir à être soi-même c’est là la vraie prise de conscience. Et c’est en étant tout à fait soi-même que l’on a des chances d’être aussi les autres.»

Se há acusações levianas, porque desatentas em relação à complexidade de que se reveste o tónus confessional da obra regiana, é esta “denúncia” daquilo a que já alguém chamou a “retórica do eu”, dando, como de costume, ao termo “retórica”, um sentido

pejorativo: como se os ricos e complexos labirintos do “eu” pudessem ser vistos com aproximações primárias e redutoras. “A obra de Régio” dissemo-lo algures e, por estas ou outras idênticas palavras, dissemo-lo diversas vezes, “[a obra de Régio] é, assim, todo um longo discurso em que aparentemente fala de si *para atingir os outros*. Sermos nós próprios é a suprema via que devemos assumir para sairmos de nós para os outros. Ou, como observou Oscar Wilde, «se quiseres compreender os outros, deverás intensificar o teu individualismo.» A passagem pelo “eu” é percurso indispensável de acesso ao outro. Todos os verdadeiros criadores o sabem e o têm repetidamente afirmado: «o problema de todo o homem e escritor», observou o poeta W. H. Auden, «é sempre essencialmente o mesmo, ou seja, primeiro, aprender a ser ele próprio, depois, a ser outro que não ele.» Numa carta a Armando Cortes-Rodrigues, Fernando Pessoa fazia esta confissão cheia de significado profundo: «Passo adiante, deixando-me.» Para um autor “se deixar”, é preciso, primeiro, ter-se intensamente frequentado. A saturação de si é que vai produzir a necessidade de saída para os outros, quer uma saída *tout-court*, quer uma saída através de um jogo de máscaras e espelhos. Não há como um bom mergulho decidido no poço escuro do eu para se aspirar, com força, ao espaço mais amplo da pluralidade. Os que falam pejorativamente na “retórica do eu” nunca meditaram a sério no labirinto de máscaras usadas pelo autor de *Jacob e o Anjo*, máscaras que dizem a verdade, aparentemente mentindo ou provocando, assim se confessando o autor como quem se projecta nos outros. «Uma máscara diz mais do que um rosto», observava Wilde, numa das suas fulgurações bem mais penetrantes do que a pesada sabedoria de tantos que o desprezam. E um dos personagens da sua peça *Salomé*, observa isto que Régio subscreveria com sibilina aprovação: «Não se deve olhar nem as pessoas nem as coisas. Não se deve olhar a não ser através de espelhos. Porque os espelhos mostram-nos apenas as máscaras.»

“O uso de máscaras, como o uso de «mentiras» nada tem que ver com qualquer hipotética falta de sinceridade. É apenas um modo diferente – mais rico, mais protegido, mais velado e, porventura permitindo ir mais longe e com *mais eficácia* – de essa sinceridade se manifestar. A mentira aparente sempre teve que ver com o arsenal estético. «As pessoas», observou, ainda uma vez, Oscar Wilde, «têm um modo descuidado de falar de um «mentiroso nato», da mesma maneira que falam de um poeta nato. A mentira e a poesia são artes – artes, como viu Platão, não desligadas uma da outra – e requerem o estudo mais cuidadoso e a mais interessada devoção.»

“Régio é sincero, mas a sua sinceridade é complicada, lenta, envolvente, provocante, mediata e plural. A apresentação do seu eu total, ou tão total quanto possível, produz-se por uma multiplicação de reflexos, ou por um jogo de avanço e recuo, de retoques, de intermináveis correcções e avisos... Por muito descer, obstinadamente, à verdade multifacetada do seu *eu* complexo, ele acaba por ser *nós*. «Minha sinceridade estética», observou Lêdo Ivo, «é feita de mentiras, despistamentos e dissimulações. O que há em minha obra de autobiográfico são meros enxertos numa árvore florescida no terreno da imaginação.»

“Toda a postura do autor de *As Encruzilhadas de Deus* em relação ao problema do conhecimento, em geral, e, portanto, também, do conhecimento de si, em particular, é discreta, prudente, suspeitosa, *irónica*: a verdade é polifacetada, complexa, escorregadia, subtil – e os nossos instrumentos de captação dela são imperfeitos, grosseiros e, conseqüentemente, inadequados. (...)

“É esta percepção, meio melancólica, de uma porventura inatingível captação da verdade em toda a sua polifacetada complexidade que caracteriza a *ironia transcendente* da *démarche* régiana. Régio busca-se e, buscando-se, busca-nos a nós e à nossa verdade – e fá-lo com sinceridade e agonia, que é luta -, mas parece saber, de antemão, que a virtude está mais na pertinácia do caminhar do que na inalcançável meta. Usando a confissão e a máscara que melhor a propicia, aprofundando, dilacerantemente, a revelação do seu (e do nosso) *eu*, do mesmo passo que se esconde, sugerindo que o «pior» e o mais essencial se fecham, para sempre, num inviolável silêncio-segredo, simultaneamente despudorado e secreto, perguntando interminavelmente e obstinadamente não respondendo (ou não obtendo resposta), esta obra, aparentemente discursiva e exasperantemente «explicativa», consegue finalmente subjugar-nos por aquilo que não diz (mas insinua que não diz...) e subterraneamente a alimenta e lhe dá peso, espessura e mistério. Dizia Gide que não é tanto o que dizemos num livro que constitui o seu valor, mas sim tudo o que gostaríamos de dizer e que secretamente o alimenta. A obra de Régio, com toda a sua *vontade de confissão* genuína, que nasce, repetimos, de um imperativo moral, apontando, à superfície, para um tipo de discurso claro, frontal, eloquente, indiscretamente analítico e magistralmente explicativo, vê-se constantemente *travada* e arrefecida por uma espécie de sorriso enigmático que, sugerindo alçapões inesperados e gritos emparedados, desmantela e complica aquele prévio edifício de clareza, de «franco» desnudar-se e «agatanhar-se à Cristo» - deixando-nos apenas a melancólica «certeza» de que não há certezas, de que a verdade polifacetada é mais complexa e inatingível do que sonha a nossa «vã filosofia» e de que cada seu novo livro não passa de mais uma tentativa, em parte bem sucedida, em grande parte inevitavelmente falhada, de «ver tudo mais por dentro do que vira». Quanto mais fundo se vai, mais fundo se vê que o fundo está mais fundo. A máscara não resolve completamente, mas ajuda: a revelarmo-nos e a conhecermo-nos (e aos outros). Assumir uma identidade diferente (a da máscara) permite outra perspectiva em relação ao eu, ajuda-nos a ver «para além da curva», para empregar uma expressão, salvo erro, de Kenneth Burke. Por isso, como o desespero aguça o engenho, Régio usa a máscara, como usa a mentira, a promessa, a ameaça, a alusão, a provocação, na tentativa, um pouco vã, um pouco infrutífera, sempre obstinada, de alcançar um conhecimento que lhe foge e que ele sabe, desde sempre, não poder nunca, completamente, atingir.”

(Comunicação apresentada no Instituto de Estudos Académicos para Séniores
no ciclo Literatura Portuguesa: Leituras do Século XXI,
a 19 de Janeiro de 2015)